

«Os possessivos estão-me a complicar o ensino»:-)
Um estudo do dativo possessivo em português
baseado em corpos*

Diana Santos
d.s.m.santos@ilos.uio.no
Linguatca e Universidade de Oslo

ABSTRACT. In Portuguese there is a three-way choice to express possession: possessives, the simple definite article, and the possessive dative, whose study is the main focus of the present paper. In this paper I intend to, first, describe an interesting feature of Portuguese which is rarely presented in teaching materials or textbooks for Portuguese as a foreign language, namely the use of the dative pronoun to indicate possession, and that is paraphraseable by a possessive pronoun. Secondly, I present a contrastive study using parallel corpora (and monolingual ones) to identify a sizeable number of cases of dative pronouns indicating *latu sensu* possession, using English and Norwegian as “other” languages, providing a description of their occurrences and some interesting cases. Also, I discuss briefly how to share the linguistic analyses with other linguists, and whether this phenomenon is variety-specific.

KEY-WORDS. Possession, external possession, possessive dative, Portuguese, contrastive studies, parallel corpora, translation, Portuguese as foreign language teaching

RESUMO. O campo da posse pode ser gramaticalmente expresso de três maneiras em português: pronomes ou determinantes possessivos, o artigo definido, e o dativo possessivo. Com este artigo pretendo, em primeiro lugar, descrever uma característica interessante da língua portuguesa e que raramente é descrita em gramáticas ou manuais de ensino de português, nomeadamente o uso de clíticos na descrição da posse, ou, dito de uma forma mais técnica, a possibilidade de parafrasear alguns pronomes pessoais de objeto indireto (o dativo de posse) em português por determinantes possessivos. Em segundo lugar, apresento um estudo contrastivo inicial sobre este assunto, baseado em corpos paralelos, que indica o âmbito do fenómeno, com as línguas inglesa e norueguesa como pontos de comparação, mas usando também corpos monolíngues como contraponto. E, por último, documento a vantagem de partilhar os resultados das análises detalhadas, através da Gramateca. A

* Estou grata à FCCN por manter acessíveis os recursos linguísticos desenvolvidos na Linguatca (em particular o ACDC, o COMPARA e o PoNTE) em www.linguatca.pt, e à equipa da Linguatca por os ter criado. Agradeço a Cathrine Fabricius-Hansen por me sugerir este assunto de contraste e aos meus alunos pelo seu trabalho com os dativos. Agradeço a dois revisores anónimos as sugestões bibliográficas e os comentários pertinentes em relação a versões anteriores do presente artigo.

questão de se este é um assunto específico de uma variante do português ou não também é brevemente afluada.

PALAVRAS-CHAVE. Posse. Dativos possessivos. Corpos paralelos. Estudos contrastivos. Tradução. Ensino de português como língua estrangeira

1. Preâmbulo

Com este artigo pretendo alcançar dois objetivos: em primeiro lugar, contribuir para a descrição de uma característica interessante da língua portuguesa e que raramente é descrita em gramáticas ou manuais de ensino de português como língua estrangeira, nomeadamente o uso de clíticos na descrição da posse, ou, dito de uma forma mais técnica, a possibilidade de parafrasear alguns pronomes pessoais de objeto indireto (o dativo de posse) em português por determinantes possessivos.

Em segundo lugar, pretendo apresentar um estudo preliminar sobre este assunto, baseado em corpos paralelos, que indica o âmbito do fenómeno, tendo as línguas inglesa e norueguesa como pontos de comparação, mas usando também corpos monolíngues como contraponto.

2. O dativo possessivo: motivação inicial

O que chamo aqui dativo possessivo em português é, brevemente, o seguinte fenómeno: a possibilidade de, ou, diríamos mesmo, preferência por, usar intervenientes verbais e não nominais na descrição da “posse” em português, como os seguintes exemplos ilustram:

- (1) Os ladrões entraram-lhe em casa ontem! (= entraram na casa dele)
- (2) Então não é que o cão nos comeu o almoço? (= comeu o nosso almoço)
- (3) Dói-te o joelho? (= o teu joelho dói?)

Nestes casos, o elemento que é “promovido” a objeto indireto sintático é obviamente afetado pela ação (ou estado) descrita pela oração em causa, ou seja, designa como beneficiário ou malefeciário da ação que inclui algo “possuído”.¹

¹ Indicar explicitamente o mesmo protagonista através de ambos os processos é, embora raro, aceitável em português, conforme apontado por Vilela (1992): *entraram-lhe na casa dele, as minhas costas doem-me*. O que não é certo é se nestes casos de “repetição” não teremos antes um caso de dativo beneficiário e não de posse.

Este artigo nasceu da constatação das diferenças no uso de possessivos e de pronomes pessoais em línguas distintas, algo que é essencial ensinar a quem aprende o português como língua estrangeira. Tais diferenças são patentes se consultarmos um corpo paralelo – incluindo o português e, neste caso, o inglês, como os exemplos do COMPARA (Frankenberg-Garcia & Santos 2002), que apresentamos a seguir, ilustram.²

Assim, são frequentes os casos em que o tradutor para português traduz possessivos em inglês por um clítico dativo de posse (todos de EBDL1T1):

- (4) feeling the draught up **my** legs. -> a sentir a corrente de ar subir-**me** pelas pernas.
- (5) The anaesthetist patted **my** hands -> O anestesista deu-**me** uma palmadinha nas mãos.
- (6) Nizar lifted the hem of **my** gown -> Nizar levantou-**me** a fralda da camisa

Da mesma forma, ainda é mais frequente que um tradutor para inglês adicione pronomes possessivos para conseguir um texto natural em inglês:

- (7) Ambos **me** examinaram o queixo -> Both examined **my** chin [PBMR1]
- (8) Esta calma de verão, exaltando-**me** os sentidos, embota-**me** a noção do real. ->
This summer calm heightens **my** senses, yet numbs **my** grasp of reality. [PBOL1]

Um corpo paralelo, contudo, fornece-nos muito mais do que uma simples ilustração, porque permite quantificar e estudar em mais profundidade diferenças que tenham sido observadas. Usando corpos paralelos para esse efeito, apresento nas próximas secções uma categorização inicial dos vários casos que apresentam clíticos dativos em português e determinantes possessivos em inglês.

Convém, contudo, antes de me dedicar às implicações teórico-metodológicas desta observação, realçar duas características que podem tornar este artigo mais relevante:

Em primeiro lugar, o dativo possessivo não é algo de que um falante nativo do português esteja geralmente consciente, nem que seja muito descrito nas gramáticas tradicionais ou de ensino do português como

² Todos os exemplos retirados de corpos são identificados pela mnemónica associada ao corpo respetivo, que pode ser consultada na documentação na internet.

língua estrangeira, como se pode observar em Cunha & Cintra (1987) ou Bechara (1999),³ e em Hundertmark-Santos Martins (1982), Hutchinson & Loyd (2003) ou Sletsjøe (1969). De facto, penso que a consciencialização deste fenómeno se inicia, geralmente, ao contrastar o português com outras línguas que não tenham esta mesma característica – o que, diga-se de passagem, não é necessariamente um traço associado a famílias tradicionais como germânicas e românicas, visto que o alemão o tem como o português⁴, mas não o inglês nem o norueguês, que foram a causa do meu interesse por este fenómeno.

3. O dativo possessivo: breve enquadramento linguístico

Convém enquadrar este fenómeno na área mais vasta dos estudos linguísticos, sublinhando que, além do interesse prático de o estudar na linguística aplicada, este assunto pode ser também relevante para escolas tipológicas e mesmo universalistas.

Em primeiro lugar, para os linguistas cuja principal preocupação é caracterizar as línguas do mundo, a posse é claramente uma das áreas que é (aparentemente) comum a todas as línguas (veja-se, por exemplo, Wierzbicka 1999), ao mesmo tempo apresentando elevada variação na sua expressão, tanto nas formas sintáticas como nos objetos dessa relação em diferentes culturas. Uma das designações de várias formas distintas de exprimir a posse é a “posse externa”, no sentido definido por Payne & Barshi (1999) para abranger todos os casos em que o possuidor e o possuído não se encontram no mesmo constituinte.

O dativo possessivo em português é, na minha opinião, um exemplo de posse externa⁵, embora König & Haspelmath (1998) não tenham conseguido citar, na sua panorâmica da posse externa nas línguas da Europa, nenhum artigo que se referisse ao português.

Do ponto de vista da ontologia de casos que são abrangidos numa língua pela gramática da posse, no caso do português estão incluídos a meronímia

³ Bechara (1999) discute os dativos livres (de interesse, ético, de posse e de opinião) numa página só (página 242), e apresenta o vaso *partiu-se-me* (atribuído a Mário Vilela) como exemplo de dativo de posse, que para mim é um claro dativo ético.

⁴ Agradeço vivamente a Sílvia Aratújo por me ter chamado a atenção para isso por ocasião de uma apresentação inicial deste material em Faro.

⁵ Mas veja-se mais à frente uma posição aparentemente diferente, defendida por Miguel et al. (2011).

(parte de) – por muitos considerada mais fundamental do que o conceito de posse⁶ – as partes do corpo, a roupa, relações sociais e de parentesco, e emoções e tipos de personalidade, entre outras.

Para alguns pesquisadores, a escolha entre duas formulações possíveis a nível sintático obedece a critérios pragmáticos, veja-se Velásquez-Castillo (1999) sobre a escolha entre dativo possessivo e determinante possessivo em guarani e castelhano. Seguindo o exemplo desta investigadora, seria interessante estudar a relação entre a escolha do uso do dativo possessivo ou de um determinante possessivo e questões discursivas como topicalidade, usando as medidas de distância referencial e persistência de tópico propostas por Givón (1983). Em relação especificamente às partes do corpo, Velásquez-Castillo (1999) adianta que o traço predominante na posse externa é o envolvimento subjetivo do falante com o possuidor, e não este ser afetado (beneficiário ou maleficiário).

Em estudos tipológicos, alguns autores postulam categorias semânticas (ou cognitivas) e descrevem a sua relação com estruturas sintáticas (como o uso do dativo ou objeto indireto), como faz Haspelmath (1999), que descreve o funcionamento da gramática de três línguas (russo, inglês e francês) em termos de um mapa semântico/cognitivo com sete categorias, mostrando que o dativo cobre várias em francês e em russo, mas não em inglês.

Soares da Silva (2000), num estudo pioneiro para o português, debruça-se sobre o objeto indireto (OI) na perspetiva da linguística cognitiva, sugerindo que, a partir do significado básico, espacial e funcional do dativo/OI, nomeadamente recipiente ativo de uma transferência material benefativa, várias extensões, por metaforização, generalização e metonímia foram surgindo, sendo o dativo possessivo uma generalização que enfraquece o papel ativo do recipiente.

Outros autores fazem antes o mapeamento de uma estrutura sintática (neste caso o dativo possessivo) em várias línguas. Nesse ensejo é interessante reparar que König & Haspelmath (1998) referem a raridade (ou mesmo inexistência) deste com verbos ditransitivos, em que o argumento objeto indireto é preenchido por um SN pleno. Na minha opinião, os seguintes

⁶ Veja-se Cruse (2004), assim como Freitas et al. (2015) para uma discussão da meronímia para o português.

exemplos ilustram que tal é possível:⁷

- (9) E a mesma íntima turbacão tirava-**lhe** ainda a firmeza à voz e ao olhar (= tirava a firmeza à voz dele e ao olhar dele) [Os Fidalgos da Casa Mourisca, Júlio Dinis]
 (10) Se comprar a Ragazza, por exemplo, encontra títulos como «Sete ideias para **lhe** dares a volta à cabeça». (= dar a volta à cabeça dela) [Avante]

Outro exemplo de investigação semântico-pragmática destas questões que parte do uso da língua, em particular das suas propriedades textuais e discursivas, é Kleiber (2008), que, no caso específico dos determinantes possessivos em francês, contrasta o seu uso com um determinante na forma de artigo.

Este assunto é, aliás, interessante contrastivamente no par de línguas português-norueguês. A interação da propriedade de ser definido ou não com os possessivos é diferente nas duas línguas no que se refere às palavras denotando relações familiares⁸: enquanto uma relação de unicidade requer apenas o artigo definido em norueguês (*kona* (lit. a esposa), *onklen* (lit. o tio), a mesma exige (pelo menos na variedade padrão) o possessivo em português (*a minha mulher*, *o meu tio*), exceto no caso em que se chama *papá* a só uma pessoa, e nesse caso se usa só *o papá*, em linguagem infantil; por outro lado, enquanto é possível e natural referir uma de muitas filhas em norueguês como *datteren min* (literalmente, a minha filha), isso é pouco apropriado em português, em que se tem sempre de referir qual: *uma das minhas filhas*, *a minha filha mais velha*, etc. sob pena de se dar a entender que só se tem uma. Vemos pois que um contraste ou delimitação do uso de possessivos e de artigos em línguas diferentes é necessário.

Finalmente, e no âmbito da teoria sintática inspirada por Chomsky, em que o objetivo da linguística é determinar as regras universais a que todas as línguas obedecem, e que portanto necessita de postular estruturas “profundas” para darem conta da variação “superficial” entre línguas, o fenómeno do dativo possessivo em português tem produzido algumas

⁷ Note-se, contudo, que o segundo exemplo inclui a expressão idiomática *dar a volta*. E que não estamos a falar aqui de redobro do clítico, que é agramatical: **o João deu-lhe um livro à Maria* não é possível. Estamos, sim, a mostrar que o dativo possessivo também pode ocorrer com verbos ditransitivos.

⁸ A questão das relações familiares (“kinship”) é discutida frequentemente no campo da posse. Para diferenças contrastivas entre o francês e o inglês veja-se Vinay & Darbelnet (1977).

propostas inovadoras⁹. Convém sublinhar que na literatura generativa há muito trabalho sobre os dativos em português, incluindo os possessivos, como Miguel et al. (2011), Brito (2009, 2015) e Torres-Morais (2006, 2007) exemplificam.

Em português há três exemplos de dativos não argumentais relativamente consensuais, veja-se Miguel et al. (2011), que apenas focam o português de Portugal: o dativo beneficiário, o dativo de posse, e o dativo ético.¹⁰ Segundo as mesmas autoras, a diferença entre os três é semântica: os dativos de posse descrevem/identificam o possuidor, os dativos beneficiários identificam o beneficiário (p. 390), e o dativo ético estabelece uma relação entre a situação e um dos participantes no discurso (p. 394). Com base nas propriedades sintáticas de, por um lado, os dativos beneficiário e de posse, e por outro, o dativo ético e, implicitamente, os dativos argumentais, as autoras propõem (p. 393) que os primeiros são “gerados” como sujeito de uma oração pequena (“small clause”) que é ela própria o argumento do verbo, mas que depois aparecem noutra posição na frase real. Ao propor esta análise, vão explicitamente contra a sugestão de que o dativo possessivo é invocado por um “aplicativo” que expande o número de argumentos de uma predicação, concordando portanto com Brito (2009), que já tinha criticado tal sugestão em relação ao português. Pelo contrário, Torres-Morais (2006 2007) defende a teoria do aplicativo para o português precisamente por lhe permitir explicar a diferença que ela afirma existir entre as variedades de Portugal e do Brasil.

4. Delimitação do dativo possessivo no presente trabalho

Não duvidando do interesse teórico dos artigos referidos para a teoria em questão, o meu principal interesse era proceder a uma abordagem descritiva contrastiva, com base em fatores de natureza semântica. Daí que tenha levado a cabo um estudo exploratório para, antes do mais, identificar dados em corpos, para os partilhar com a comunidade.

⁹ Veja-se a longa lista de referências em Brito (2009, 2015) sobre o objeto indireto em português de Portugal. Note-se também que o dativo possessivo pode ser descrito como uma “construção de objeto indireto não preposicional”.

¹⁰ Este último faz parte da panóplia da gramática tradicional. Outros autores falam também do dativo de interesse, dos dativos pessoais e dos dativos de opinião. A título de exemplo de que estas denominações não são consensuais posso citar Torres Morais (2006: 251), que fala por sua vez de pelo menos cinco interpretações temáticas possíveis: recipiente, fonte, experienciador, possuidor e afetado.

O meu ponto de partida foi, assim, completamente diferente: definir contrastivamente como dativo possessivo aqueles dativos que correspondem a determinantes possessivos em línguas que não têm tal tipo de dativo. E só mais tarde em corpos monolíngues usei, para obter mais exemplos, a condição de ser parafraseável por um possessivo, e que depende, essa sim, da minha “subjetividade linguística”.

Por essa razão, para este estudo não fiz distinção entre dativo beneficiário ou de posse, visto que ambos permitem (e foi esse o meu ponto de partida empírico) uma paráfrase com determinantes possessivos. Penso que foi uma decisão acertada não separar os dois casos ou deixar tal separação para uma análise subsequente, devido à dificuldade, em muitos casos, de escolher entre as duas interpretações, como irei exemplificar de seguida. Além disso, partilho da convicção descrita em Santos (1998a, 2006) de que a vagueza é uma propriedade essencial das línguas e que a existência da mesma construção gramatical para dois significados diferentes é devida (e, ao mesmo tempo, potencia) a expressão de ambos os sentidos concomitantemente.

Os exemplos seguintes, retirados e/ou adaptados do COMPARA ou do AC/DC, pretendem exemplificar como a escolha de uma interpretação pode ser delicada. As dificuldades encontram-se comentadas informalmente entre parênteses, a seguir ao exemplo.

- (11)Discutiam-lhe a roupa, o modo de andar (embora considerado dativo possessivo (a roupa dele/possuída por ele), o malefeciário também é ele (ou ela), e podia ser discutido com ele, ou nas costas dele) [PBAA2]
- (12)Desperta-lhe o brio (o brio dela, ou o brio nela, ou beneficia-a por despertá-lo?) [PPEQ2]
- (13)Piscou-me o olho (certamente que não é dativo possessivo, porque foi o seu olho que ele piscou, não o meu, mas sou beneficiária, ou melhor, “piscar o olho” no sentido de cumplicidade parece-me ter um argumento obrigatório) [PPJS1]
- (14)Bateu-me no braço (possessivo porque bateu no meu braço, mas também fui afectada/malefeciária. Repare-se que, em *estendeu-me o braço, me* indicaria apenas o beneficiário)
- (15)Dava-lhe pelo cotovelo (dava pelo cotovelo dele, no sentido de indicar a altura do sujeito, mas ele não é certamente qualquer beneficiário)
- (16)Deixa-te de uma vez dessas gracinhas (aqui podemos considerar o verbo *deixar-*

- se *de* no sentido de acabar, e considerar *te* um argumento, ou considerar que o pronome aponta para a possível paráfrase *deixa essas tuas gracinhas*. Além disso, construções com *deixar* são especialmente problemáticas porque também podem implicar elipse de um segundo verbo, neste caso de *fazer gracinhas*.¹¹⁾
- (17) Isto diminui-lhe o rendimento do trabalho (igualmente possível interpretar como possessivo e como maleficiário)
- (18) A história que lhe ouvia (aqui o que é mais interessante são as duas possibilidades de paráfrase com *de*, ambas analisáveis como dativos possessivos e nunca como beneficiários: *a história que ouvia dele*, *a história dele que eu ouvia*.¹²⁾
- (19) Reconheci-lhe a voz (com voz, é obviamente dativo possessivo, mas repare-se que, com outros objetos, isso pode não ser tão óbvio, cf. *reconheci-lhe a generosidade*, *mas senti-me diminuída*... havendo aqui também dois sentidos do verbo *reconhecer*.)
- (20) O que lhe havia de acontecer! (aqui a interpretação mais natural é de beneficiário, porque não há um nome a que ligar o possessivo e a única paráfrase possível seria *o que havia de acontecer a ele!*, mas veja-se o próximo exemplo.) [Uma Família Inglesa, Júlio Dinis]
- (21) O que lhe havia de acontecer à mãe! (Aqui, pese embora a estrutura e o sentido serem semelhantes ao exemplo anterior, é perfeitamente natural parafrasear por *O que havia de acontecer à mãe dele*, interpretando como um dativo possessivo.)

Estes exemplos mostram como em muitos casos a interpretação do dativo conduz a afetação (beneficiação ou maleficiação) e indica posse (ou relação privilegiada), sem que faça sentido decidir por um ou por outro. Embora em menor proporção, também é possível encontrar casos em que um dativo tanto pode ser possessivo como argumental ou ético. Veja-se o seguinte exemplo, em que o dativo pode ser interpretado ao mesmo tempo como objeto indireto e dativo possessivo, ou melhor, as duas funções são executadas pelo clítico *me* (compare-se com o original inglês).

¹¹ Agradeço a um revisor esta sugestão adicional de análise.

¹² Outra possibilidade ainda seria, em *ouvia-lhe (contar) a história*, em que *lhe* nesse caso tomava a forma de dativo mas seria o sujeito de *contar*. Ver Nilsson (1998) para uma discussão desta construção em português.

(22) *Nizar veio mais tarde e me pediu para levantar a perna uns dois dedos da cama,*
 <- *Nizar came in later and asked **me** to lift **my** leg gently a few inches off the bed* [EBDL1T2]

5. Obtenção dos dativos possessivos em corpos paralelos

Tendo em conta a problemática anterior, decidi então realizar um levantamento de casos autênticos em corpos paralelos. Em primeiro lugar, usei o COMPARA (Frankenberg-Garcia & Santos 2002), que eu saiba o maior corpo paralelo anotado revisto existente para o par inglês-português, e que contém excertos de textos literários originais nas duas línguas e a sua tradução para a outra. Procurei casos de frases com pronomes dativos e sem possessivos em tradução para o inglês, e em cuja tradução existissem pronomes possessivos.¹³ Analisei todos os casos para identificar os que realmente eram dativos possessivos, obtendo 325 em 697 (47% dos casos).

Fiz a mesma procura, assim como a mesma revisão, agora em traduções do inglês, identificando 357 em 716 (50%).¹⁴ O número de casos apresentado (e identificado) no COMPARA foi por determinante possessivo. Assim, o número de unidades de tradução distintas é bastante menor, dado ser relativamente comum haver mais de um possessivo por frase inglesa. Apenas contei uma vez por cada correspondente de tradução, mas há que distinguir os casos em que o mesmo dativo possessivo corresponde a mais do que um possessivo inglês. Em (23) apenas um caso de dativo possessivo foi contabilizado, porque apenas um pronome possessivo do inglês correspondia ao dativo possessivo em português; em (24) e (25), embora também só tenha contado um (dativo possessivo), poder-se-ia contar dois casos de tradução de possessivo inglês para dativo possessivo em português. Finalmente, (26) ilustra que, quando se podia considerar o pronome pessoal português como objeto indireto e como dativo possessivo, nenhum dativo possessivo foi contabilizado.

¹³ De forma a que estes resultados possam ser inspecionados por todos, apresento as pesquisas efetuadas, que neste caso foram duas: [pos="*.PPGE.*" & texto="P.*"] :COMPARA_PORT_ANOT <ua> [func="*.DAT.*" [pos!="*.poss.*"]* </ua> e [pos="*.PPGE.*" & texto="P.*"] :COMPARA_PORT_ANOT <ua> [pos!="*.poss.*"]+ [func="*.DAT.*" [pos!="*.poss.*"]+ </ua>

¹⁴ A expressão de procura foi [pos="*.PPGE.*" & texto="E.*"] :COMPARA_PORT_ANOT <ua> [pos!="*.poss.*"]+ [func="*.DAT.*" [pos!="*.poss.*"]+ </ua>. Dos 725 casos encontrados, 16 foram removidos por não corresponderem a um possessivo, mas sim a um dativo em inglês. Isto porque a anotação sintática do COMPARA foi manualmente revista do lado português, mas não do lado inglês.

- (23) I sat on the edge of **my** bed in **my** gown, feeling the draught up **my** legs. -> Sentei-me na borda da cama, em camisa de noite, a sentir a corrente de ar subirme pelas pernas. [EBDL1T1]
- (24) **Her** skirt fell down over **her** head. -> A saia tombava-lhe sobre a cabeça. [EBIM3]
- (25) They could see **his** fingernails and **his** eyes. -> As mulheres podiam ver-lhe as unhas e os olhos. [ESNG3]
- (26) The coldness of the idea made him want to shut **his** eyes -> A frieza da ideia deu-lhe vontade de fechar os olhos. [EBJT3]

Torna-se patente a necessidade de, em inglês, repetir os determinantes possessivos tantas quantas as vezes que se mencionam nomes. Podemos atribuir isso ao facto de este tipo de possessivos em inglês marcar que a expressão é definida, dado que, como é sabido, não é possível o uso de artigo definido com determinantes possessivos em inglês. Além dos exemplos (24) e (25), veja-se (27).

- (27) A camisa pendia-lhe em tiras nas costas, <- **His** shirt was hanging in shreds off **his** back.¹⁵ [EBIM3]

Note-se também que o dativo possessivo pode ocorrer longe do nome a que se refere, visto que a sua posição é determinada pelo verbo que é seu hospedeiro:

- (28) Mandou fazer um vestido Império, que lhe disfarçava de forma hábil o ligeiríssimo aumento do ventre.¹⁶ [EBDL4]

Contudo, as expressões de busca usadas impediram-me de encontrar casos em que, por outra razão e noutra lugar da frase, existissem possessivos, além de casos legítimos de dativos possessivos, como por exemplo na frase (inventada) *Penteou-me o cabelo na nossa cozinha* (=penteou o meu cabelo na nossa cozinha). Assim, tentei avaliar quantos outros possíveis

¹⁵ Este caso foi contabilizado como referindo-se a parte do corpo. Repare-se que essa é mais uma decisão necessária numa contabilização, quando ao dativo possessivo pode corresponder mais do que uma expressão (neste caso *camisa e costas*) na outra língua.

¹⁶ Aqui podemos estar razoavelmente certos de que o dativo se refere ao ventre, correspondendo à tradução de *She had an Empireline dress made which artfully concealed the very slight swelling of her tummy*.

exemplos poderíamos estar a perder, através da análise exaustiva de 300 casos aleatórios de possessivos em inglês e não possessivos em português (dos 9559¹⁷ possíveis). Apenas encontrei 23 dativos possessivos em 300, o que dá uma medida inicial (8%) do peso deste uso de possessivos (em inglês) comparado com outros usos. Até que ponto é que esta é uma medida interessante, em relação ao problema que nos interessa neste artigo, é certamente discutível, dada a grande diferença no uso de determinantes possessivos entre as duas línguas. Por outro lado, mais relevante para a quantificação dos dativos possessivos, é o facto de que, dos 23 encontrados, havia apenas três casos de original português que não tinham sido encontrados na procura anterior. Podemos assim, embora com alguma incerteza, afirmar que em todo o COMPARA possa haver cerca de 733 dativos possessivos, o que significa que conseguimos obter (e analisar) a sua grande maioria (682) neste artigo.

Outro corpo paralelo disponível de inglês para português, o CorTrad (Teixeira et al. 2012), também foi usado – o subcorpo CorTrad literário de contos (só de inglês, australiano ou canadiano, para português do Brasil). Dos 92 casos, vinte e oito (28) eram dativos possessivos. Refiz a mesma procura nos livros de Lewis Carroll traduzidos para português do mesmo corpo, e em 82 casos obtive mais 31.

Dado que recentemente a Linguateca também colocou dois corpos paralelos de português-norueguês acessíveis, o PoNTE e o PANTERA, era natural investigar se a mesma forma de obter dativos possessivos era produtiva noutra par de línguas. O PoNTE (acrónimo de Portuguese Norwegian Translation Examples, <http://www.linguateca.pt/PonTE/>) incorpora múltiplas traduções e retroversões de alunos de português língua estrangeira, veja-se Santos (2014a, 2014b), enquanto o PANTERA (acrónimo de Portuguese And Norwegian Texts for Education, Research and Acquisition of relevant knowledge, <http://www.linguateca.pt/PANTERA/>), ainda nos seus primórdios, é semelhante ao COMPARA por usar apenas traduções publicadas, com mais qualidade, portanto.

Embora o tamanho presente não permita generalizações conclusivas, ambos os corpos podem já ser usados, o primeiro como um exemplário

¹⁷ Usando a seguinte expressão de procura: [pos="*.PPGE.*"] :COMPARA_PORT_ANNOT <ua> [pos!="*.poss.*"]* </ua>

para aprendentes de português de língua materna norueguesa (ou até escandinava). Veja-se um exemplo de um dativo possessivo em português corretamente expresso por um possessivo na tradução norueguesa (ambos os lados são escritos na língua materna):¹⁸

(29)Exceto que você não estará «estudando»; você estará trabalhando, gerando conhecimento, e contribuindo para as universidades publicarem os artigos científicos que **lhes** servem como base de avaliação no cenário mundial. -> Bortsett fra at du ikke «studerer»; du jobber, du produserer kunnskap, og bidrar til at universitetene publiserer vitenskapelige artikler som tjener **deres** verdigrunnlag på verdens basis. ('e contribuis para que as universidades publiquem artigos científicos que servem a sua qualificação a nível mundial.') [CIE]

No PoNTE procurei dativos em português cuja tradução (ou original) em norueguês incluísse um possessivo, e apenas encontrei doze (12) dativos possessivos em 106 casos. Embora não fosse plausível que falantes de português como língua estrangeira num nível intermédio já tivessem consolidado o uso de dativos possessivos (que lhes são ensinados no semestre letivo anterior), e que por isso são inexistentes no lado do português traduzido, foi interessante confirmar que se sentiram na necessidade de colocar possessivos em vez de objetos indiretos em alguns casos quando escreviam na sua língua materna, como (30) evidencia.

(30)O Pedro foi sentar-se ao lado dele e bateu-**lhe** no ombro -> Pedro satte seg ved siden av han og la hånden på skulderen **hans**. (' e pôs a mão no ombro dele') [EPA]

Finalmente, a procura no PANTERA¹⁹ produziu 85 casos, dos quais 22 eram dativos possessivos em português original, e um apenas um em português traduzido. Apesar do seu reduzido tamanho²⁰, permitiu encontrar

¹⁸ Este exemplo é especialmente interessante porque provém de um texto brasileiro atual, de um blogue, e alguns brasileiros tendem a negar a existência deste fenómeno na sua variante, como veremos em breve.

¹⁹ A expressão de procura utilizada, que permitiu analisar todos os casos de dativos mesmo com possessivos foi "mi"|"di"|"si"|"deres"|"din"|"min"|"sin"|"hans"|"hennes"|"mine"|"dine"|"sine"|"mitt"|"ditt"|"sitt"|"dets"|"vårt"|"vår"|"våre":PANTERA-PORT [func="*DAT.*"]

²⁰ Contém apenas, em junho de 2015, excertos de dez obras (só uma norueguesa), perfazendo um total de cerca de 43 mil unidades em norueguês e 37 mil unidades em português.

casos de dativos possessivos em textos nas variedades moçambicana, brasileira e portuguesa.

O exemplo seguinte apresenta um caso de dativo possessivo que apareceu devido à complexidade das frases envolvidas, embora não haja menção do 'seu gabinete' na tradução para o norueguês.

(31)E pareceu-lhe que nos dias seguintes Carlos chegava-lhe ao gabinete mais untuoso que o costume, mesmo mais servil, ... -> Og det forekom ham at Carlos var mer innsmigrende og servil enn vanlig i dagene som fulgte, og han unnså seg ikke for å etterlate seg små lapper på skrivebordet hans... ('e passou-lhe pela cabeça que Carlos estava mais untuoso e servil nos dias que se seguiram, e ele não se ensaiava para deixar atrás dele pequenos papéis na sua secretária.')

[GerAlm11]

Isto esgota os casos de dativos possessivos que encontrei através de corpos paralelos.

6. Obtenção de dativos possessivos em corpos monolíngues

Como se sabe, a tradução nem sempre é a melhor área para encontrar diferenças entre as línguas, ou para obter naturalidade na língua de chegada, quer porque os tradutores se sentem influenciados pelo autor a produzir algo que lhe seja fiel, quer porque nem sequer têm consciência de que estão a produzir uma "terceira língua", o "tradutês"²¹. Por isso, ao encontrar traduções para formas diferentes, isso pode corresponder a um número de casos menor do que o que poderia ser produzido se o tradutor estivesse a escrever na sua língua materna sem estar restrito ao texto original. Por outro lado, se a língua de partida contiver um excesso de fenómenos que deem origem a um uso excessivo de dativos possessivos, se contarmos em texto traduzido podemos neste caso obter uma estimativa largamente por excesso.

É por isso conveniente tentar confirmar em texto não traduzido a abrangência, no caso em questão, do fenómeno do dativo possessivo em vários géneros de textos. Fiz isso usando o AC/DC (Santos 2011), em particular nas entrevistas do Museu da Pessoa, visto que estou consciente

²¹ "Tradutês" designa uma série de fenómenos, dos foros lexical, gramatical e discursivo, que indiciam que o texto foi criado como tradução. Veja-se Santos (1998b) para o português e Gellerstam (1986) para o sueco.

de que é um fenómeno associado a atitude e avaliação, e que é, portanto, mais normal encontrar em discurso pessoal do que em científico ou factual.

Antes disso, contudo, analisei uma amostra de 107 casos de pronomes dativos no AC/DC, verificando se eram dativos possessivos ou não. Ao contrário do processo seguido no COMPARA, em que a amostra foi aleatória, usei uma inspeção preliminar dos casos do Vercial, ECI_EBR e Minho, usando o Ensinador (Simões & Santos, 2011) para identificar possíveis casos interessantes para o ensino.²² Com esse método identificámos 26 dativos possessivos em 127, o que neste caso não permite, de forma alguma, ter uma ideia da verdadeira proporção deste fenómeno em português. (A única coisa que podemos afirmar é que será significativamente menor do que esta.)

Apresento aqui alguns exemplos de casos em que a classificação é difícil, ou que podem ser suscetíveis de diferentes valores gramaticais, ilustrando situações não encontradas nos corpos paralelos, embora já estudadas na literatura generativa:

- (32)Qualquer movimento causava-**lhe** dores lancinantes na coluna, fazendo-**lhe** soltar gritos de dor [Diário do Minho]
- (33)Mas, tê-lo-iam ganho se não tivessem atrás de si aquela esposa dedicada, que **lhes** criou as condições para que o ganhassem? [Uma Eleição Perdida, Conde de Ficalho]
- (34)(...) pague aquela multa ou arranquem-**lhe** os olhos ou cortem-**lhe** as mãos [História de Portugal, Alexandre Herculano]
- (35)Limitava-**lhe** a ação política o fato de querer caracterizar sua atitude como de protesto [ECI-EBR]
- (36)Ora, quer **lhe** dando na cabeça, quer na cabeça **lhe** dando, com mais parra ou menos uva, parece não haver dúvidas de que a criançada (...) [Diário do Minho]

O Museu da Pessoa²³ permite-nos obter ocorrências na linguagem

²² Este material foi criado inicialmente como exercício para os alunos de português (alunos do segundo ano em 2012) adquirirem alguma sensibilidade aos vários casos em que se emprega o dativo em português.

²³ A expressão de procura utilizada, [func="*.DAT.*"], encontra, na versão 4.1, 1579 ocorrências, mas é preciso relembrar que a análise sintática automática não foi revista. Além disso, embora neste momento o corpo Museu da Pessoa tenha um balanço entre as variantes brasileira e portuguesa (106 e 107 entrevistas), tal não era o caso na versão utilizada no estudo em causa, com 107 entrevistas feitas em Portugal e apenas 6 no Brasil.

oral, não especialmente cuidada, visto que correspondem a transcrições de entrevistas feitas informalmente a pessoas de níveis de instrução muito variados. O facto de ilustrarem atos de comunicação que não foram censurados nem revistos para publicação torna estes “textos” muitíssimo valiosos para observar a língua real oral, assim como possíveis lapsos de língua ou erros de concordância, que podem ser igualmente importantes para compreender como o português oral funciona. Veja-se, a título de exemplo, os seguintes casos:

(37)Foi uma operação que fiz, que **me** tiraram uma pedra da vesícula que podia gerar em cancro porque já estava em ferida, felizmente não chegou a tanto.

(38)Quando ele vinha bêbado, a minha mãe chamava-o à atenção, mas «burro velho não tem mandadouro»

Repare-se que o último exemplo tem a possível realização alternativa *chamava-lhe a atenção*, (chamava a atenção dele?), semelhante à alternância: *mordeu-o na perna* e *mordeu-lhe na perna*.

7. Quantificação e análise dos dativos possessivos encontrados

Na Tabela 1 apresento uma quantificação do fenómeno em questão, usando os vários métodos anteriormente explicados. “AA” significa amostra aleatória, e “or” e “trad” referem-se respetivamente a original e tradução. “DP” indica o número de casos considerados dativos possessivos no lado português. A coluna “total” indica o número de casos inspecionados e não o tamanho dos corpos. A linha “Total” contém o número de casos distintos, usando portanto 3 e não 23 dos escolhidos no AC/DC.

<i>Forma de obtenção</i>	<i>Total</i>	<i>DP</i>
Dativo e não possessivo PT or. e possessivo EN, COMPARA	697	325
Dativo e não possessivo PT trad. e possessivo EN, COMPARA	716	357
Dativo e não possessivo PT trad. e possessivo EN, CorTrad	92	26
Dativo e não possessivo PT trad. e possessivo EN, Alice	82	31
AA possessivos EN e não possessivos PT, COMPARA	300	23
Dativos em PT (escolha), AC/DC	107	26
Dativo em PT e possessivo em NO, PANTERA	85	22
Dativo em PT or. e possessivo em NO, PoNTE	106	12
Total	2320	802

Tabela 1 – Quantificação dos casos de dativo possessivo encontrados nas variadas fontes

Creemos que a obtenção deste número relativamente grande de casos (802 no total) nos permite estudar a sua distribuição e ter uma visão de conjunto de possíveis particularidades desta construção, assim como ajudar a coligir exemplos que possam ser usados em contexto pedagógico. As próximas subsecções analisam os casos compilados.

7.1. Categorização dos casos de dativos possessivos no original em português

A Tabela 2 resume os tipos de “possuído” após a análise dos casos de dativos possessivos encontrados em texto literário escrito originalmente em português. Nalguns casos acrescento a tradução em inglês para se ter uma ideia do correspondente do dativo possessivo nessa língua.

153	partes do corpo ou características físicas (tais como voz, sangue) duma pessoa.
56	qualidades (abstratas) de uma pessoa, associadas a personalidade ou à aparência (cabeça para ideia, olhos para visão, coração, ideias, memória, vontade, sorriso, mérito, confiança, ciúmes, coragem, forças, vida, alma, etc.)
14	roupa
10	outros objetos (casa, prateleiras, dinheiro, caldo, algibeira, (muro do) quintal, carro, poesias)
20	a outros casos mais complexos
3	foram identificados como expressões idiomáticas, <i>sai-lhe -> come his way, tomar-lhe tempo -> take his time, cortar-lhe as vazas -> upset their trickeries.</i>

Tabela 2 - Taxonomia de possuídos em originais em português

Alguns casos são, naturalmente, difíceis de classificar, exigindo portanto comentário:

(39)Deitei-**me** de costas -> lay down on my back

Neste exemplo, embora seja possível que alguém se deite sobre as suas costas, *deitar-se* é um verbo reflexo, donde não parece pertinente considerar o pronome como “reflexivo possessivo”. Contudo, um anotador mais apressado poderia tê-lo classificado erroneamente como um dos casos que nos interessam. Outros casos interessantes referem-se não a dativos mas a acusativos:

(40)I looked deep into **his** eyes -> Olhei-o profundamente nos olhos. [EBK1]

Outra característica que me pareceu interessante investigar, devido à diferença entre as duas línguas no que se refere à percepção (Santos 1998c, Slobin 2008), foi a frequência (oito casos) com que o dativo possessivo aparece associado a percepção visual.

(41)Só se **lhe** via a graciosa cabeça -> Only her comely head could be seen [PBAA2]

7.2. Categorização dos casos de dativos possessivos na tradução para português

Entre os casos em que os dativos possessivos são usados pelo tradutor para português como tradução de possessivos ingleses, observamos a distribuição da Tabela 3²⁴:

225	partes do corpo
53	casos abstratos
47	outros objetos
11	roupa
5	expressões idiomáticas (<i>chamar-lhe a atenção, pôr-lhe a vista em cima, a atenção que lhe era devida, passar-lhe pela cabeça, meter-se-lhe na cabeça</i>)

Tabela 3 - Taxonomia de possuídos quando provenientes da tradução do inglês

É interessante também reparar que em significativamente mais casos (16) o dativo possessivo está associado ao verbo *ver* ou outros de percepção visual, comparado com o caso do português original.

Tentando sumarizar o que encontramos, em ambas as direções é notória a frequência de dativos possessivos em português associados a partes do corpo. É também interessante observar que, à partida, não parece haver grande diferença no uso de dativos possessivos entre texto traduzido para português e original em português.

8. A questão da variedade do português

Gostaria de me debruçar sobre a questão da variedade do português. Existe razão para declarar que o dativo possessivo não ocorre, ou está em vias de extinção, em português do Brasil (PB)? Após redobrada insistência por parte de alguns revisores e linguistas a quem falei do assunto, que insistiram em afirmar categoricamente que este era um fenómeno do português de

²⁴ Se o leitor atento reparar que faltam dez exemplos, convém indicar que se referem a traduções de expressões idiomáticas em inglês, ou erros de tradução, ou reescrita demasiado livre, mas que todavia foram considerados dativos possessivos considerando só o texto em português. Veja-se como erro de tradução (não contabilizado como dativo possessivo) *A mão tremeu-lhe, e a vela caiu-lhe do castiçal, ficando a arder no chão.* <- *His hand shook, and the candle fell from its socket on the floor, and lay there sputtering.* [EBOW1]

Portugal (PP)²⁵, apesar de eu apresentar exemplos em português brasileiro, tive de olhar para a questão com mais atenção. De facto, “uma andorinha não faz a primavera”, e um ou dois exemplos podem ser *hapax legomena*. Por um lado, é conhecido que os falantes de uma língua não têm em geral conhecimento intuitivo sobre várias propriedades linguísticas (Sinclair 1997); por outro lado, em português do Brasil a distância entre a norma escrita e falada é muito superior à que se observa no português de Portugal – facilitando assim a possível inexistência de dativos possessivos no oral, mas o seu uso na escrita.

Por isso, fui contabilizar mais detalhadamente, do total dos casos arrolados pertencentes às variedades em questão, quantos apareceram em PB e em PP, indicando também o tamanho do universo, visto que o que é passível de comparação são as proporções e não os números absolutos.

	PB	PP	DPB	DPP	propPB	propPP
COMPARA original	466996	281619	351	254	7,5e-4	9,0e-4
COMPARA traduzido	852609	91032	10	722	0,1e-4	79,3e-4
PANTERA original	13257	11158	9	6	6,79e-4	5,38e-3
PANTERA traduzido	-	3083	-	1	-	3,24e-4
CorTrad traduzido	160358	-	28	-	1,74e-4	-
Alice traduzido	65568	-	28	-	4,27e-4	-

Tabela 4: Diferença entre as variedades portuguesa e brasileira

O panorama obtido foi bem mais interessante e complexo do que o esperado: enquanto, em texto original, na literatura brasileira, é impossível negar que o dativo possessivo existe (351 casos, em 24 obras de 11 autores diferentes), na literatura traduzida para português brasileiro, pelo contrário, a ausência é quase total (apenas 10 casos contra 722 de português de Portugal). A explicação para esta diferença abissal pode dever-se a dois fatores: por um lado, a data de criação da literatura brasileira, muitas vezes

²⁵ É bem conhecido que o português de Portugal usa mais clíticos do que o português do Brasil, que tem duas propriedades que o evitam: uma maior propensão para objeto nulo e o uso de pronomes tónicos em vez de átonos na linguagem oral. Isso não implica, contudo, que o fenómeno dativo possessivo em si não exista.

do século XIX, comparada com a data das traduções, todas elas do final do século XX, o que indicaria que o português do Brasil teve, mas já perdeu, o dativo possessivo.²⁶ Por outro lado, uma causa possível para a falta de dativos possessivos numa tradução pode refletir falta de conhecimento ou de qualidade das traduções, ou seja, redundar em tradutês, por o tradutor não estar consciente precisamente desta diferença entre as línguas. Para decidir da correção desta última hipótese, um estudo mais aturado das traduções em questão teria de ser levado a cabo.

9. Algumas conclusões e questões em aberto

Concluindo, este trabalho sugeriu uma metodologia (contrastiva) de obtenção de casos de dativo possessivo, que permitiu coligir várias centenas de casos no âmbito da Gramateca, disponibilizados à comunidade para inspeção e futuro trabalho. Além de apresentarmos uma descrição sumária do dativo possessivo e do tipo de nomes com que co-ocorre, tecemos algumas considerações sobre a língua portuguesa, que contrasta claramente com o inglês e o norueguês no que diz respeito à construção em análise. Embora não tenhamos apresentado uma análise linguística, coligimos e tornámos públicos²⁷ um extenso conjunto de casos que pode potenciar uma análise mais detalhada, sobretudo através de uma ferramenta recentemente anunciada, o Réve (Simões & Santos 2014), e que cremos poder ser usada vantajosamente, quer no ensino da tradução, quer no do português como língua estrangeira.

REFERÊNCIAS

- Barros, Isis Juliana Figueiredo de. 2011. Preposições de DP dativos de dois ex-escravos brasileiros em atas do século XIX. *Inventário*—Revista dos Estudantes de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Bahia, v. 9, 1-15.
- Bechara, Evanildo. 1999/1971. *Moderna gramática portuguesa*. Rio: Editora Lucerna.
- Brito, Ana Maria. 2009. Construções de objecto indirecto preposicionais e não

²⁶ Isso viria ao encontro das observações de muitos pesquisadores sobre a diferença entre língua escrita do século XIX e língua oral no século XX no Brasil, veja-se Barros (2011).

²⁷ Em <http://www.linguateca.pt/Reve/> e em formato de texto em <http://www.linguateca.pt/Diana/dados/datposs/>

- preposicionais: uma abordagem generativo-constitutivista. In: Alexandra Fiéis & Maria Antónia Coutinho (Eds.), *Textos Seleccionados do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, 141-159.
- Brito, Ana Maria. 2015. *Two base generated structures for ditransitives in European Portuguese*. In: Alberto Simões, Anabela Barreiro, Diana Santos, Rui Sousa-Silva & Stella E. O. Tagnin (Eds.) *Linguística, Informática e Tradução: Mundos que se Cruzam. Homenagem a Belinda Maia*, OSLa, Vol 7, No 1 (2015), 337-357.
- Cunha, Celso & Lindley Cintra, L. 1987. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Cruse, Alan. 2004. *Meaning in Language: An Introduction to Semantics and Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press.
- Frankenberg-Garcia, Ana & Santos, Diana. 2002. COMPARA, um corpus paralelo de português e de inglês na Web. *Cadernos de Tradução IX*, 1, 61-79.
- Freitas, Cláudia, Santos, Diana, Oliveira, Hugo Gonçalo & Quental, Violeta. 2015. VARRA: Validação, Avaliação e Revisão de Relações semânticas no AC/DC. In: Ana Maria T. Ibaños, Livia Pretto Mottin, Simone Sarmiento & Tony Berber Sardinha (Eds.), *Pesquisas e Perspectivas em Linguística de Corpus*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 199-232.
- Gellerstam, Martin. 1986. Translationese in Swedish novels translated from English. In: Lars Wollin & Hans Lindquist (Eds.), *Translation studies in Scandinavia*. Lund: CWK Gleerup, 88-95.
- Givón, Talmy (Ed.). 1983. *Topic Continuity in Discourse: Quantitative Cross-Language Studies*. Amstredam: John Benjamins.
- Haspelmath, Martin. 1999. External Possession in an European Areal Perspective. In: Doris L. Payne & Immanuel Barshi (Eds.). *External possession*. John Benjamins, 109-135.
- Hutchinson, Amélia P. & Janet Lloyd. 2003. *Portuguese: An Essential Grammar*, Routledge.
- Hundertmark-Santos Martins. 1982. *Portugiesische Grammatik*, Niemeyer.
- Kleiber, Georges. 2008. The semantics and pragmatics of the possessive determiner. In: H. H. Müller & A. Klinge (Eds.), *Essays on Nominal Determination*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins Company, 309-336.
- König, Ekkehard & Haspelmath, Martin. 1998. Les constructions à possesseur externe dans les langues d'Europe. In: Jack Feuillet (Ed.), *Actance et Valence dans les Langues de l'Europe*. Berlin & N. Y: Mouton de Gruyter, pp. 525-606.
- Miguel, Matilde, Gonçalves, Anabela & Duarte, Inês. 2011. Dativos não argumentais em português. In: *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 388-400.

- Nilsson, Kåre. 1998. Akkusativ og dativ med (refleksiv) infinitiv i spansk og portugisisk. *Romansk Forum* 8, dezembro 1998, 57-77.
- Payne, Doris L. & Barshi, Immanuel. 1999. External Possession: What, Where, How and Why. In: Payne, Doris L. & Immanuel Barshi (Eds.), *External possession*. John Benjamins, 3-29.
- Santos, Diana. 1998a. A relevância da vagueza para a tradução, ilustrada com exemplos de inglês para português. *TradTerm* 5, 1, Revista do centro interdepartamental de tradução e terminologia, FFLCH - Universidade de São Paulo, 41-70
- Santos, Diana. 1998b. O tradutês na literatura infantil traduzida em Portugal. In: *Actas do XIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. APL, 259-74.
- Santos, Diana. 1998c. Perception verbs in English and Portuguese. In: Stig Johansson & Signe Oksefjell (Eds.), *Corpora and Cross-linguistic Research: Theory, Method, and Case Studies*. Amsterdam: Rodopi, 319-342.
- Santos, Diana. 2006. What is natural language? Differences compared to artificial languages, and consequences for natural language processing. PROPOR2006, [http://www.linguateca.pt/Diana/download/SantosPalestraSBLPPPropor2006.pdf](http://www.linguateca.pt/Diana/download/SantosPalestraSBLPPropor2006.pdf)
- Santos, Diana. 2011. Linguateca's infrastructure for Portuguese and how it allows the detailed study of language varieties. In: J.B.Johannessen (Ed.), *Language variation infrastructure*. OSLa: Oslo Studies in Language 3, 2, 113-128.
- Santos, Diana. 2014a. PoNTE: apontando para corpos de aprendizes de tradução avançados. *Linguamática* 6, 1, 2014, 69-86.
- Santos, Diana. 2014b. Ser, estar, ficar, haver e ter contra ha, bli e være: quem disse que era fácil traduzir sentimentos e sensações?. In: Signe O. Ebeling, Atle Grønn, Kjetil Rå Hauge & Diana Santos (Eds.), *Corpus-based Studies in Contrastive Linguistics*, Oslo Studies in Language 6, 1, 2014, 271-288.
- Simões, Alberto & Santos, Diana. 2011. Ensinador: corpus-based Portuguese grammar exercises. *Procesamiento del Lenguaje Natural* 47 (2011), 301-309.
- Simões, Alberto & Santos, Diana. 2014. Nos bastidores da Gramateca: uma série de serviços. *Workshop on Tools and Resources for Automatically Processing Portuguese and Spanish*, at PROPOR 2014, São Carlos, Brazil, 9 de outubro de 2014, 97-104.
- Sinclair, John. 1997. Corpus Evidence in Language Description. In: Anne Wichmann, Steven Fligelstone, Tony McEnery & Gerry Knowles (eds.), *Teaching and language corpora*. London & New York: Longman, 27-39.
- Sletsjøe, Leif. 1669. *Lærebok i portugisisk*. Oslo: Universitets forlaget.
- Slobin, Dan I. 2008. Paths of motion & vision. In: V. M. Gathercole (Ed.), *Routes to Language: Studies in Honor of Melissa Bowerman*. Lawrence Erlbaum, 197-221.

- Soares da Silva, Augusto. 2000. A estrutura semântica do objeto indireto em português. In: Rui Vieira de Castro & Pilar Barbosa (Eds.), *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Braga, pp. 433-451, republicado como capítulo 9: Polissemia na Sintaxe: o objecto indirecto e a construção ditransitiva. In: Soares da Silva, Augusto. *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*, Coimbra: Almedina, 2006, 245-264.
- Teixeira, Elisa D., Santos, Diana & E. O. Tagnin, Stella. 2012. CorTrad: um novo corpus paralelo multiversão para o par de línguas português-inglês. In: Tania M.G. Shepherd, Tony Berber Sardinha & Marcia Veirano Pinto (Eds.), *Caminhos na Linguística de Corpus*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 151-176.
- Torres Morais, Maria Aparecida. 2006. Argumentos dativos: um cenário para o núcleo aplicativo no português europeu. *Revista da ABRALIN*, vol. V, 239-266.
- Torres-Morais, Maria Aparecida C. R. 2007. O dativo de posse no português. In: Gladis Massini-Cagliari, Rosane de Andrade Berlinck, Marymarcia Guedes & Taísa Peres de Oliveira (Eds.), *Trilhas de Mattoso Câmara e outras trilhas: Fonologia, Morfologia, Sintaxe*. Cultura Acadêmica Editora, 211-235.
- Velásquez-Castillo, Maura. 1999. Body-Part EP Constructions: A Cognitive/Functional Analysis. In: Doris L. Payne & Immanuel Barshi (Eds.). *External possession*. John Benjamins, 77-107.
- Vilela, Mário. 1992. *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Almedina.
- Vinay, J.-P. & Darbelnet, J. 1977/1958. *Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais: Méthode de traduction*. Paris: Didier, Nouvelle édition revue et corrigée.
- Wierzbicka, Anna. 1999. *Emotions across Languages and Cultures: Diversity and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press.